



A fé se faz novela: a abordagem espírita na teledramaturgia¹

Emilson Ferreira Garcia JUNIOR²
João Saraiva da Silva NETO³
Robéria Nádia Araujo NASCIMENTO⁴
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

Este estudo buscou compreender os sentidos religiosos abordados pela teledramaturgia da Rede Globo, a partir da análise das obra ficcional *Amor Eterno Amor*, livremente inspirada na doutrina espírita de Allan Kardec. Para a verificação desse cenário, o estudo envolveu dois procedimentos metodológicos: primeiro, a análise de narrativas, técnica que se fundamenta nas histórias contadas e absorve, nas suas interpretações, as práticas e as intencionalidades que as perpassam; e, num segundo momento, entrevistas com especialistas religiosos, além de questionários com os estudantes do curso de Comunicação Social. Diante desse contexto, pensar o papel da teledramaturgia no enfoque de novas práticas de religiosidade mostra-se uma perspectiva de investigação relevante para o campo da comunicação, considerando-se que a ressonância e os impactos da ficção televisiva não terminam no último capítulo.

PALAVRAS-CHAVE: teledramaturgia; análise; religiosidade; ficção; comunicação.

Introdução

Hoje, a mídia televisiva exerce papel de confluência com diversas denominações doutrinárias, popularizando diferentes crenças e originando, com isso, uma nova “indústria cultural” de matriz religiosa. Esse cenário alcançou a teledramaturgia brasileira, despertando a nossa atenção para o cruzamento de sentidos entre mídia e religiosidade, especialmente nos espaços das narrativas ficcionais da Rede Globo. Assim, para identificarmos esses aspectos, adotamos como eixos de análise a telenovela *Amor Eterno Amor* (escrita por Elizabeth Jhin), inspirada na doutrina espírita de Allan Kardec

¹ Trabalho apresentado no IJ 06– Interfaces comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Graduado em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: emilson.uepb@gmail.com

³ Estudante de Graduação. 5º Semestre do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: joaosaraivaneto@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: rmadia@terra.com.br



As telenovelas são entendidas aqui como instâncias narrativas e interativas de produção, circulação e geração de múltiplos sentidos. Nesses termos, convém salientar que a visibilidade da ficção independe de temporalidade das exibições, uma vez que as tramas se mantêm vivas no imaginário do público em razão das mensagens que evocam. “A narrativa não se exaure, conserva-se com poder de coesão, trazendo possibilidades de desdobramentos futuros” (MOUSINHO, 2012, p. 161). A novela estudada aponta fruição estética, empatia popular e significativa aceitação dos enredos. A esse respeito, Paiva (2010) salienta que o gênero telenovela alimenta a curiosidade pelo sobrenatural e pelas questões religiosas, ajudando a compor “o *ethos* místico-religioso do povo brasileiro, garantindo notoriedade ao espaço cotidiano da televisão” (PAIVA, 2010, p. 16).

As novelas e seus dimensionamentos

A teledramaturgia da Rede Globo⁵ apresenta uma significativa recorrência à temática religiosa e/ou seus desdobramentos. Assim, observamos como as narrativas das telenovelas mencionadas tratam esses enfoques a fim de avaliar seus possíveis efeitos de repercussão social, uma vez que a *recepção* está sempre atrelada às *mediações* dos sujeitos sendo construídas no ambiente da coletividade. A visão de Santaella (2001) corrobora nosso ponto de vista, pois, de acordo com a autora, as pesquisas que avaliam a interface entre *a mensagem e a recepção* conseguem verificar a *eficácia comunicativa e persuasiva dos conteúdos midiáticos* na sociedade.

Na produção ficcional, as narrativas possuem um eixo de articulação de histórias, em suas nuances secundárias ou essenciais, formatando um texto composto por integrações, interpenetrações de fatos e encaixes sucessivos realizados entre atores, enredo e imagens. Considerando que as novelas são obras lineares, seriadas e sistemáticas, estabelecemos um recorte narrativo, selecionando, a título de síntese, *fragmentos* capazes de ilustrar a investigação. Desse modo, pensar a recepção da telenovela nas suas implicações contextuais impulsiona a verificação dos conceitos estudados nos entremeios em que ocorrem. Nesse raciocínio, definimos a realidade de Campina Grande para conhecermos as implicações dessa narrativa. Assim, o percurso metodológico ocorreu em dois momentos: o primeiro, destinado

⁵ Não se pode menosprezar o entretenimento qualificado produzido pela emissora no contexto nacional e internacional, considerada um poderoso conglomerado de comunicação com atuações no cinema (Globo Filmes), no jornalismo impresso (Editora Globo), no mercado editorial (Globo Livros) e em portais (Globo.com). Nesse sentido, os padrões de qualidade da teledramaturgia da emissora obtêm intensa circularidade e ressonância no mundo, devido à exportação das tramas para diferentes culturas. A Globo é a primeira emissora do país, depois da extinta Tupi, a abordar em suas novelas e minisséries temas ligados à espiritualidade e religiosidade.



ao conhecimento do enredo, a fim de sabermos *o que diz* essa telenovela; o segundo, direcionado a entrevista com um especialista em Espiritismo e à aplicação de questionários com os telespectadores, a fim de avaliarmos a percepção dos efeitos das trama.

As *entrevistas em profundidade* e a *aplicação de questionários* são técnicas que, conforme Duarte (2005), obtêm respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte Oscar de Lira Carneiro, Professor Doutor da UFCG e Membro da Diretoria da SEJA (Sociedade Espírita Joana de Ângelis);

Entre a narrativa e a doutrina

. A trama central de *Amor Eterno Amor* trata do desejo do reencontro entre seres que se amam e da crença em vidas passadas. Carlos/Rodrigo (Caio Manhente/ Gabriel Braga Nunes) alimenta o sonho de rever seu amor de infância, a menina Elisa (Júlia Gomes). Verbena Borges (Ana Lúcia Torre) não desiste de descobrir o paradeiro de seu filho Rodrigo, desaparecido há quase 30 anos. É esse o fio condutor da trama. A música de abertura é o elemento que produz a fruição poética inicial chamando a atenção dos telespectadores para a novela, “despertando-lhes a atenção para o produto ficcional a ser exibido, pela *lógica da familiaridade*” (FECHINE; FIGUEIROA, 2009, p. 357). Intitula-se “Leva-me pra Lua”, da cantora de MPB Ana Caram, numa versão da canção “Fly Me To The Moon”, de Frank Sinatra. O refrão remete a uma viagem para um lugar paradisíaco, onde se percebe imagens de céu azul, diversas espécies animais e um casal de crianças de mãos dadas, unidos pelo símbolo (um laço) de um amor eterno, a marca da novela.

No capítulo 3, exibido em 07/03/2012, é mostrado que a personagem Clara tem um mau pressentimento em relação à Verbena. A menina, que está na escola, sente o que se passa com a amiga. Em um flash de luz, aparece Verbena com dificuldades de respirar que, sem suportar a dor no peito, desmaia. Clara vê a cena e se desespera. Imagens azuis e brancas se misturam, ilustrando esse acontecimento narrativo, que se torna ainda mais intimista pela música instrumental que ecoa ao fundo. Na cena destacada, identificamos a abordagem da mediunidade infantil, trazendo a ideia de que as crianças são mais propensas a ter visões e pressentimentos, uma vez que sua inocência as impede de fantasiar ou inventar situações. Esse fenômeno é vivenciado pela personagem Clara que, ao longo da trama, visualiza os espíritos e desenha suas imagens. De acordo com o Livro dos Espíritos (KARDEC, 2008), muitas crianças na fase da primeira infância, em razão de uma elevada sensibilidade, manifestam os dons espirituais através de visões ou audições.



Para o professor Oscar de Lira, é normal a introdução de elementos midiáticos que fazem referências à doutrina espírita, tendo em vista a aceitação desse tema no imaginário popular. Nesse sentido, apesar de uma trama da ficção não ter uma bandeira proselitista, a construção do espaço físico, temporal e imagético, somados aos diálogos, corroboram para a divulgação doutrinária. A novela *Amor Eterno Amor*, de Elizabeth Jhin, colocou ênfase na mediunidade infantil da personagem Clara que, ao longo da trama, estabelece contatos com os espíritos denominados por ela de ‘amigos de luz’. Para o professor, essa referência permite a popularização da religiosidade espírita, pois, analisando-se a trajetória dos médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco, que também eram sensitivos e desde crianças manifestavam suas faculdades mediúnicas, a personagem representa esse princípio espírita. A premonição e a clarividência são evidenciadas na novela, e segundo o professor Oscar, “essas situações podem aproximar as pessoas do espiritismo”.

A percepção dos entrevistados diante do cenário religioso

Os questionários foram aplicados com 30 estudantes, constituindo uma amostra do *tipo não-probabilística intencional*, escolhidos conscientemente, por autonomia do pesquisador que já avaliou o campo empírico (RUDIO, 1999). Considerando esses critérios, o roteiro foi composto de 07 perguntas buscando entender quais os reflexos da trama na percepção da audiência.

Sobre as razões que levaram os entrevistados a acompanhar a trama, as respostas variaram. 30 % responderam que divulgam o espiritismo, 27% por tratar-se de uma história de amor, 13% destacaram os efeitos visuais, 7% apontaram o bom roteiro, 7% se referiram à falta de outra opção e outros 7%, se atraíram pela presença de jovens protagonistas. Para 6% a mensagem foi o elemento que mais atraiu atenção e 3% frisaram o interesse por novelas.

O entrevistado João da Rocha dos Santos Neto informou: “*o interesse se dá pelo fato da respectiva denominação religiosa ser diferente daquela professada pela maioria dos brasileiros*”. Quando perguntados acerca das razões que fizeram essa novela conquistar uma considerável audiência, 77% destacaram a temática religiosa ou espírita, enquanto que para 23%, o fato de retratar situações de ficção ou do cotidiano foi suficiente para fomentar seu interesse.

Questionados se a trama pode despertar a atenção das pessoas para o Espiritismo, 80% responderam que sim, 13% talvez, e 07% acham que não. A discussão proposta por Lopes (2009) explica essa ressonância: “a novela é tão vista quanto falada, pois seus significados



resultam tanto da narrativa audiovisual produzida pela televisão quanto da interminável conversação produzida pelas pessoas” (LOPES, 2009, p. 29). Dos que responderam *sim*, 39% ressaltaram a boa recepção do Espiritismo, 17% a influência dos meios de comunicação, 09% porque as novelas retratam o cotidiano, 08% notaram abertura para novas formas de religiosidade, 08% por opção de entretenimento, 08% por curiosidade, 08% a atração da temática e 04% lembraram da inserção de elementos religiosos. Martín-Barbero (2002) elucida que as influências dos meios, sobretudo da TV, não podem ser analisadas somente pelos produtos que divulgam, mas pela dinâmica que envolve seus conteúdos. Na verdade, a cultura é que cria com o campo da comunicação uma teia de relações e implicações.

Dos que responderam *talvez*, 50% discorreram sobre a ligação religiosa do telespectador e outros 50% ponderaram que o desenvolvimento da trama pode ser um possível elemento de interesse.

Para 100% que afirmaram *não*, a ligação religiosa adquirida é um fator que impede a abertura à ideologia espírita.

Sobre a identificação com as noções de religiosidade propagadas pela novela pesquisada, 60% externaram que não, 33% *sim* e 07% *talvez*. Para Mariana de Araujo Castro, “*a identidade de uma pessoa, quando se fala de religião, é muito forte e uma simples novela, que dura no máximo 6 meses, não tem o poder de mudá-la*”.

Na verdade, a duração é de 8 a 9 meses, e conforme Lopes (2009), é um produto estético e cultural que expressa a identidade do país, “tendo sua história fortemente marcada pela dialética nacionalidade-midiatização. Trata-se de uma narrativa e de um *recurso comunicativo* que conseguem atuar nas representações culturais” (LOPES, 2009, p. 22).

Para os que responderam *sim*, sobre a identificação temática, 30% ressaltaram a reencarnação, 20% a vida após a morte, outros 20% o plano espiritual, 20% a sensibilidade de crianças e animais e 10% a obra dos médiuns. A entrevistada Shirley Carvalho percebeu essas exposições na novela. “*Eu acho que muitas coisas que acompanhamos nas novelas são verdade, como o fato de existirem vidas passadas, mas isso depende muito de crença. Dizem também que crianças e animais são mais sensíveis para esse tipo de coisa e eles acabam vendo mais que adulto*”.

A abordagem da religiosidade na novela é vista como positiva para 80%, 13% afirmaram que não, enquanto que 07% relataram que às vezes é interessante a discussão da fé na teledramaturgia.



Dos que responderam que *sim*, 42% entendem como uma forma de combater o preconceito, 25% consideram o debate importante, 21% lembram a diversidade religiosa no país e 12% frisam o interesse na doutrina.

Para Alidiane Clementino, “*deve haver espaço para disseminar as várias religiões, tendo em vista a pluralidade do país*”. Dos que *não* concordam com esse enfoque nas novelas, 50% pontuaram a laicidade do país e os outros 50% observaram o risco de proselitismo.

Em sua última questão, a pesquisa buscou compreender se a novela analisada pode influenciar a identidade religiosa das pessoas. Para 50% *sim*, 27% afirmaram que não e 23% responderam talvez.

Para os que disseram *sim*, 40% defenderam que as novelas influenciam os hábitos, 27% citaram a falta de engajamento religioso, 20% se referiram à curiosidade e 13% à liberdade religiosa. Esses dados corroboram a visão de Hall (2004), quando afirma que a polissemia midiática pode provocar construções identitárias que interferem tanto nos nossos pensamentos, quanto na subjetividade dos nossos pertencimentos sociais.

Para os que disseram *não*, 62% declararam-se cristãos, 25% não percebem o caráter religioso exposto e 13% ignoram a temática.

Para os que afirmaram *talvez*, 66% alertaram para o discurso midiático, 20% destacaram que não possuíam religião e para os outros 14%, depende da religião que o receptor segue.

Conclusões

Mousinho (2012) assinala que as novelas funcionam como veículos de intertextualidade e matrizes de circulação cultural, uma vez que utilizam o dialogismo como caminho gerador para novas práticas discursivas. Assim, a pesquisa mostrou que existe um sutil processo de disseminação e encaminhamento de temas, conceitos, costumes, tradições que refletem as expressões de religiosidade do povo brasileiro. Desse modo, as novelas são pensadas e tecidas para produzir diferentes leituras, influências e visões sobre a audiência, “propondo um novo olhar capaz de reativar sentidos, ampliar a percepção, através do esforço das narrativas e dos personagens” (MOUSINHO, 2012, p. 148).

Aquelas que abordam temas espiritualistas são recorrentes e fazem grande sucesso junto ao público, numa relação que Martino (2003) acredita ser fruto da identificação e da projeção coletivas, que geram uma ressonância significativa no espaço social. De acordo com



tal perspectiva, a identificação produz-se quando o público assume *emotivamente* o ponto de vista da ficção ao considerá-lo um reflexo de seus sonhos e ideais. Desse modo, as novelas (*lugares de cenas de massas*, conforme diz Martín-Barbero) geram também novas demandas narrativas e discursivas quando tratam de temáticas espiritualistas, funcionando como um eficiente canal de circulação de bens simbólicos religiosos (MARTINO, 2003, p.14). Esses bens repercutem na sociedade e desencadeiam a empatia dos telespectadores, que são seduzidos a cada dia pelas tramas e imagens. Para Martín-Barbero (2002), o gênero telenovela mistura em suas narrativas a emoção, a comédia, o fantástico, a aventura, reproduzindo uma marca inerente ao contexto ficcional das tramas latino-americanas.

Considerando-se ainda a perspectiva das tramas das 18h, Fechine e Figueiroa (2009) enfatizam a noção de *circularidade* temática. Os universos ficcionais deste horário, especialmente os roteiros escritos por Elizabeth Jhin, exploram abordagens espiritualistas numa lógica cíclica permitindo que até mesmo personagens de uma dada novela reapareçam em outras. Isto é, quando uma figura da ficção faz muito sucesso ou possui ação de articulação com os demais núcleos da história, os atores são convidados a encenar o mesmo papel, pois o autor acredita que irão contribuir para o sucesso de um desfecho semelhante (lógica da familiaridade narrativa): “operam estratégias de reconhecimento coletivo para, a partir da reiteração dos elementos narrativos, proporcionar ao espectador um sentido de verdade e similaridade ao que vê” (FECHINE; FIGUEIROA, 2009, p. 367).

Assim, o tema estudado permitiu facetas instigantes para a compreensão da interface entre campo religioso e campo da comunicação, especialmente no que concerne aos modos de endereçamento da ficção e as estratégias ali mobilizadas. Por isso, a lógica ficcional continua instigando nossa compreensão, capítulo a capítulo, sinalizando que as relações da religiosidade com as produções televisivas exigem de nós significativo esforço de interpretação, escapando a quaisquer análises redutoras.

Referências

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FECHINE, Yvana; FIGUEIROA, Alexandre. Produção ficcional brasileira no ambiente de convergência: experiências sinalizadoras a partir do Núcleo Guel Arraes. IN: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). **Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas**. São Paulo: Globo, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.



KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**: princípios da doutrina espírita. São Paulo, FEB/Lake, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Telenovela como recurso comunicativo**. Revista Matrizes. Ano 3- Nº 1- São Paulo: ECA/USP/PAULUS, Agosto/Dezembro, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

MARTINO, Luís Mauro. **Mídia e poder simbólico**: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003.

MOUSINHO, Luiz Antonio. **A sombra que me move**: ensaios sobre ficção e produção de sentido (cinema, literatura, TV). João Pessoa: Ideia, 2012.

PAIVA, Cláudio Cardoso. **Dionísio na Idade Mídia**: estética e sociedade na ficção televisiva seriada. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2008.